



## A AULA DE HISTÓRIA COMO LUGAR DE REFLEXÃO SOBRE O CENÁRIO DIGITAL<sup>1</sup>

Patrícia Teixeira de SÁ<sup>2</sup>  
Ana Julya Mendes GUIMARÃES<sup>3</sup>  
Leandro Cabral de ALMEIDA<sup>4</sup>

### RESUMO

O trabalho se insere no debate sobre o Ensino de História e suas relações com as narrativas digitais e o cenário de midiatização do conhecimento. Serão apresentadas experimentações didáticas construídas no âmbito de um projeto vinculado ao Programa Licenciaturas da Universidade Federal Fluminense, abordando-se as mídias e as tecnologias não apenas como ferramentas, mas como objetos de conhecimento na aula de História. O projeto se relaciona com preocupações em torno dos aspectos históricos de produtos culturais circulantes e da criação de materiais didáticos de História, como articulações entre a cultura histórica e a cultura escolar. Na sua relação com a pesquisa, o projeto também procurou contribuir para uma concepção de currículo que abarque experiências e artefatos pedagógicos. Nessa perspectiva, o currículo ganha forma em cada experiência (LARROSA, 2002, 2011), em cada artefato pedagógico e material didático. No artigo, descreveremos a metodologia de escrita de “agendas midiáticas” junto a jovens estudantes da Educação Básica e a condução de um cine-debate sobre o uso de redes sociais. Diante da velocidade com que as tecnologias impõem novos hábitos e da intensificação da plataformação da educação e do trabalho, buscamos contribuir para reflexões sobre as práticas curriculares no contexto das aulas de História na Educação Básica. Refletimos sobre os caminhos da educação e do Ensino de História frente às tecnologias persuasivas e ao colonialismo digital (FAUSTINO & LIPPOLD, 2023) e sobre os desafios enfrentados por professoras e professores de História em seus percursos éticos e estéticos no processo ensino-aprendizagem mergulhado no cenário digital.

**Palavras-chave:** Ensino de História, Currículo, Narrativas Digitais, Cultura digital, Colonialismo Digital.

### INTRODUÇÃO

As dinâmicas escolares vêm sendo cada vez mais demarcadas pela cultura digital e, embora haja tentativas de reduzir seus possíveis efeitos negativos sobre o processo ensino-aprendizagem, vemos cada vez mais um cenário em que estudantes são atravessados e influenciados por diferentes formas de mídias. É nesse sentido que se torna cada vez mais necessária a compreensão e incorporação dessas tecnologias na sala de aula, tornando-se parte do currículo uma educação digital, que inclua promoção de conhecimento sobre as linguagens

<sup>1</sup> Projeto vinculado ao Programa Licenciaturas da Universidade Federal Fluminense. Financiamento: Pró-Reitoria de Graduação / Divisão de Apoio à Formação Docente.

<sup>2</sup> Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense e orientadora do projeto; [patricia@id.uff.br](mailto:patricia@id.uff.br).

<sup>3</sup> Licencianda em História na Universidade Federal Fluminense; [mendesana@id.uff.br](mailto:mendesana@id.uff.br)

<sup>4</sup> Professor do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho e supervisor do projeto; [leandrocabral@id.uff.br](mailto:leandrocabral@id.uff.br)



dos meios de comunicação. Questões que envolvem desafios do ensino de História em cenários de midiatização do conhecimento podem ser pensadas a partir de uma discussão sobre práticas mídias-educativas. Entendemos como práticas mídia-educativas as atividades pedagógicas que envolvem promoção de conhecimento sobre as linguagens dos meios de comunicação, com apropriação e/ou produção de conteúdos e materiais. Podem ser pensadas em duas dimensões: práticas de análise de produtos de mídia e práticas de produção de mídia (BUCKINGHAM, 2019).

O trabalho aqui relatado é parte do projeto de iniciação à docência intitulado “Ensino de História e midiatização do conhecimento: desafios para a formação de professores”, em andamento na parceria entre a Universidade Federal Fluminense e o Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, vinculado ao Programa Licenciaturas da mesma universidade. O projeto está direcionado para a reflexão e ação em torno de práticas de ensino de História interpeladas pelas mídias e tecnologias digitais, no contexto de aceleração da midiatização do conhecimento. As temáticas do ensino de história de temas sensíveis são privilegiadas na construção das situações ensino-aprendizagem, em diálogo com o componente curricular Pesquisa e Prática de Ensino, com demandas do Laboratório de Ensino de História da UFF e com a produção cultural contemporânea.

Buscamos refletir sobre o conhecimento produzido na escola a partir de um conceito da área da comunicação que faz uma interface interessante com a Educação e o Ensino de História (SÁ, 2017). Trata-se do conceito de midiatização (HJARVARD, 2012; SODRÉ, 2006; OLIVEIRA, 2018). Midiatização remete à onipresença das mídias na sociedade contemporânea, com poder de atravessar outras instituições e forçá-las a dar respostas às suas ações. Esse conceito permite pensar o problema da hibridização entre a mídia como instituição autônoma e outras instituições sociais, como a família e a escola. Hjarvard (2012) coloca que família e escola são ainda as instâncias mais importantes para a socialização das novas gerações, mas estão, ambas, midiatizadas, isto é, atravessadas pela onipresença das mídias na vida cotidiana. Assim, precisamos buscar entender as maneiras pelas quais as instituições sociais e processos culturais mudaram de caráter, função e estrutura em resposta a essa onipresença. A partir do conceito de midiatização, podemos inferir que a política, a religião, a família e a escola estão submetidas ou tornam-se dependentes da lógica da mídia, em grau cada vez maior. Os meios de comunicação passaram a estar integrados à dinâmica dessas instituições. Existiria, então, uma lógica da mídia, que se refere a um modus operandi institucional, estético e tecnológico dos meios mobiliza outras instituições a criarem respostas e interações.



A aula de história pode configurar como lugar de reflexão das relações que estabelecemos com as narrativas digitais, a medida em que os estudantes chegam à sala de aula com ideias preestabelecidas sobre o cenário digital. Instaura-se, muitas vezes, uma tensão entre o conhecimento escolar e as informações circulantes pela internet caracterizadas, muitas vezes, pela falta de contextualização, mas que se tornam atrativas devido ao apelo pela audiência e engajamento, como no caso dos vídeos curtos, enquanto as dinâmicas escolares pedem outro tipo de atenção largamente afetada pelo consumo rápido de informações. Vivemos uma era de popularização e viralização do uso de aplicativos, de generalização da adoção de gestos simples e repetitivos diante do celular que se automatizam criando uma rotina. Como afirmou a jornalista Martha Peirano “O que a tecnologia quer e que está dentro do seu celular é engajamento. O engajamento é o ápice da felicidade da indústria da atenção. A palavra engajamento vem do inglês engagement, como se criar uma conta de usuário implicasse mesmo uma relação íntima entre usuário e servidor.” (2022, p.21)

Diante da velocidade com que as tecnologias impõem novos hábitos e da intensificação da plataformaização da educação e do trabalho, qual é o papel da escola e do Ensino de História?

Quais ações de letramento digital seriam necessárias para a educação de jovens estudantes da Educação Básica, para o desenvolvimento de habilidades de compreensão, análise e crítica dos meios de comunicação? Os objetivos do projeto estão direcionados para a compreensão da internet como espaço não-neutro e que reproduz de maneira sistemática problemas sociais, tais como o racismo, colonialismo, machismo e misoginia, podendo se configurar como uma ameaça antidemocrática. É nesse sentido que procuramos pensar sobre o colonialismo digital (FAUSTINO & LIPPOLD, 2023) e sobre o colonialismo de dados (CASSINO, SOUZA & SILVEIRA, 2021) como continuidades do processo histórico do capitalismo, no qual o Sul Global se torna cada vez mais dependente das tecnologias das grandes potências. A educação se apresenta como um campo de disputa e pode se tornar trincheira na guerra de dados no contexto das *Big Techs*. Não se trata de uma vilanização do ambiente digital, mas de construir um novo tipo de relação com as mídias e tecnologias, especialmente quando tratamos das relações com o conhecimento histórico.

Uma preocupação surgida durante o desenvolvimento do projeto foi a questão da reprodução do racismo e de discriminações nas redes. Diante da ampla influência das mídias sociais sobre nossas práticas midiáticas e, a partir da ação do algoritmo, muitas vezes tomando a branquitude como uma identidade neutra, desprovida de racialização, o *machine learning* é processado considerando pessoas brancas e suas características, tanto físicas



quantos sociais, como padrão de comportamento humano. Alguns trabalhos têm denunciado sérios problemas na identificação de indivíduos não brancos, o que resulta na incapacidade de reconhecimento de outras realidades culturais e na reprodução de desigualdades, hierarquias e discriminações. A reflexão sobre essa questão nos levou a pensarmos sobre quais ações de letramento digital seriam necessárias para a educação de jovens estudantes da Educação Básica, para o desenvolvimento de habilidades de compreensão, análise e crítica dos meios de comunicação. A partir dessa definição e considerando que a escola e o trabalho docente estão afetados pelo contexto de midiatização e elaboraram respostas a esses atravessamentos, buscamos compreender as práticas midiáticas do público escolar.

## METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, uma escola estadual localizada próximo ao centro da cidade de Niterói, atendendo a um público bastante diverso oriundo tanto de localidades mais próximas como as comunidades do Morro do Estado e do Morro do Palácio e do bairro nobre de Icaraí, assim como lugares mais distantes como a cidade de São Gonçalo, na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro.

Desenvolvemos duas atividades com turmas de 9º ano do Ensino Fundamental. A primeira consistiu em um levantamento sobre as práticas midiáticas dos estudantes, por meio da aplicação de um questionário. Na tentativa de compreender as formas de uso de equipamentos eletrônicos pelos estudantes, buscamos nos aproximar da realidade em que cada um está inserido, seus gostos pessoais e como isso se traduz no ambiente online. As perguntas direcionadas aos estudantes foram as seguintes:

1. Qual é o seu tempo de tela diário?
2. Qual sua rede social favorita?
3. Você tem algum criador de conteúdo favorito? Se sim, qual? Quais tópicos você mais assiste ou pesquisa nas redes sociais?
4. Existe alguma mídia (televisão, youtube) que você assista em conjunto com sua família? Se sim, qual?
5. Seus responsáveis conversam com você sobre o “tempo de tela” em aparelhos eletrônicos?
6. Quantos equipamentos de comunicação (televisões, celulares, rádios) existem na sua casa? Quais são os mais utilizados?





Essas questões foram impressas e respondidas por estudantes de duas turmas do nono ano com idades entre 13 e 17 anos, durante a aula de História. Procuramos incentivar a escrita livre de suas preferências, deixando opcional a identificação.

Em um segundo momento, com objetivo de promover o debate sobre os usos das mídias sociais, exibimos o documentário “Dilema das Redes” (Dir. Jeff Orlowski, 2020) na tentativa de ilustrar os mecanismos das tecnologias persuasivas das *Big Tech*. Após a exibição do documentário foi feita uma roda de conversa com os alunos na qual eles refletiram sobre seu próprio uso do aparelho celular. Para tal, foram usadas as próprias informações do questionário como ponto de partida para criação de uma autopercepção.

Em paralelo às ações na escola, constituímos um grupo de estudos sobre Educação, História e Mídias, com reuniões quinzenais, onde se discutiram textos pertinentes ao projeto e realizamos debates sobre o planejamento e desenvolvimento das atividades escolares<sup>5</sup>. Durante essas reuniões, também experimentamos a metodologia de escrita de agendas midiáticas, que consistiu na escrita pelas(os) licenciandas(os) participantes de um diário de uso e apropriação de mídias e tecnológicas em um dia previamente definido. Temos a intenção de reproduzir essa experiência, futuramente, com estudantes da Educação Básica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Privilegiaremos, nesse texto, os resultados das ações na escola. A partir das perguntas do questionário, foi possível realizar um mapeamento do tempo de tela de estudantes, contando com uso de celulares, televisões e outros aparelhos eletrônicos, como também as redes sociais usadas tal qual o conteúdo. Inicialmente, calculamos uma média do tempo de uso de dispositivos eletrônicos, resultando em 9 horas, superando em 6 horas a média de um estudo feito entre jovens brasileiros que indicava 3 horas diárias (SCHAAN et al., 2018). Consideramos essa média um dado preocupante, a partir do momento em que supera o tempo passado no ambiente escolar e, até mesmo, o destinado ao sono.

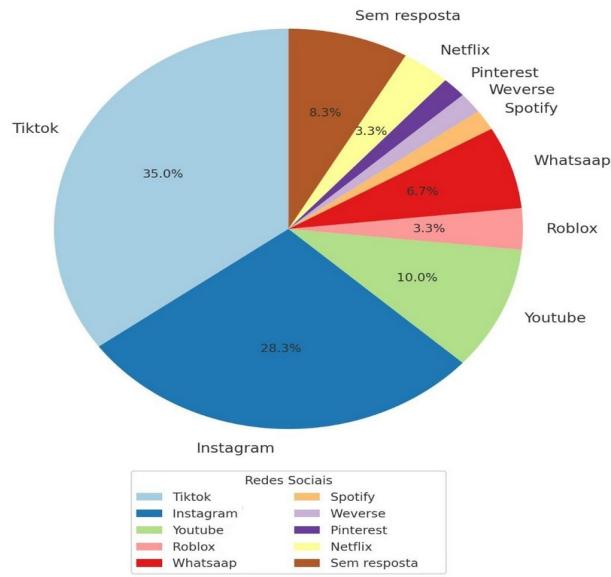
É nesse contexto que se torna cada vez mais difícil o controle do uso de aparelhos eletrônicos por jovens, assim como o conteúdo que é acessado. Na medida em que esses estudantes passam a maior parte do dia utilizando a internet, é provável que haja uma diminuição das linhas entre o mundo real e virtual, que se tornam cada vez mais conectados. O jovem sem acesso a esses recursos tende a não estar integrado socialmente quando em

<sup>5</sup> Durante essas reuniões, também experimentamos a metodologia de escrita de agendas midiáticas, que consistiu na escrita pelas(os) licenciandas(os) participantes de um diário de uso e apropriação de mídias e tecnologias em um dia previamente definido. Temos a intenção de reproduzir essa experiência, futuramente, com estudantes da Educação Básica.

comparação aos seus colegas, por exemplo. Torna-se cada vez mais importante o acompanhamento ao vivo das informações, tendências e gírias que compõem e alteram a maneira de dialogar e conviver socialmente. A tecnologia nesse sentido tem uma forte influência e estimula o uso contínuo a partir de um sistema de notificações e do uso de design atrativo, como exposto no documentário exibido “As redes sociais não são mais ferramentas passivas esperando para serem usadas. Elas têm suas próprias metas e usam sua própria forma de persuasão para alcançá-las” (O Dilema das Redes, 2020).

Dessa maneira, apareceram entre os próprios estudantes a ideia de uma perda de tempo que poderia ser reaproveitada para esportes ou mesmo para dormir. Outro ponto de grande preocupação foi como a saúde mental dos mais jovens é afetada, principalmente no aumento das taxas de suicídio a partir da invenção das redes sociais. Foi expressado ainda em outros momentos, uma preocupação de perda da infância ou da dificuldade de sociabilidade como um dos efeitos do uso massivo de celulares.

A segunda pergunta escolhida foi a rede social de preferência desses alunos, demonstrando uma predileção pelo TikTok e Instagram, com o terceiro lugar ocupado pelo Youtube.



Fonte: Elaboração própria (2025)

O interessante desse dado está na existência dos vídeos curtos nos três aplicativos, os chamados *TikToks*, *Reels* e *Shorts*, inicialmente popularizados durante a pandemia e que moldaram uma nova maneira de produzir conteúdo. A ascensão dessas mídias também marca uma dificuldade no consumo de vídeos mais longos, na queda da tendência de popularidade dos *Youtubers* como também a dificuldade de assistir filmes longos inteiros sem a interrupção para uso do telefone. O *design* dessas redes funciona em analogia à lógica de *caça-níquel*,





onde o usuário rola para cima ou para baixo o *feed* em busca de atualizações. Além disso, o *TikTok* inclui também um sistema de moedinhas onde o tempo passado pode ser convertido em dinheiro para assistir anúncios e por tempo passado na rede. Quando perguntados sobre seu uso, a grande parte dos estudantes atribuiu a facilidade do uso: os links gerados que conectam os tópicos do vídeo sem a necessidade de pesquisar, uso prático como receitas, tutoriais e mesmo pesquisa, mas também a possibilidade de ganho oferecida pela rede.

Quanto ao conteúdo, as respostas tendem a maior variação: futebol, moda, música e tópicos variados. Não foi possível observar um padrão geral de preferências, com exceção do futebol como assunto recorrente, informação que condiz com a animação dos estudantes ao jogar o interclasse, por exemplo. A prática esportiva aparece aqui como uma permanência cultural que une jovens que para além disso não teriam muitos pontos em comum.

A grande vantagem do uso de redes sociais é sua possibilidade de moldar tudo que é assistido para seu gosto pessoal e encontro de comunidades online que compartilhem o gosto pelo tópico. Dessa forma, o fácil acesso é tanto uma abertura para a conexão, quanto uma restrição para a escuta do outro. É também nesse cenário que ocorrem as “bolhas” da internet, são apresentadas às pessoas conteúdos com maior chance de concordância e engajamento, com recortes de idade, gênero, nacionalidade, classe, etc. Assim, torna-se cada vez mais difícil rastrear e prever o consumo desses alunos, pois uma pesquisa não terá o mesmo resultado para duas pessoas a partir do momento em que o site se adapta e busca a resposta que considere adequada a um certo perfil.

A maioria dos discentes afirmou que, através da exposição à publicidade nas redes sociais, de alguma forma alteraram sua opinião ou foram influenciados na compra de algum produto. Esse potencial, muito explorado no documentário exibido, parte do constante bombardeamento de informações para adolescentes que são gradativamente mais atraídos para comunidades, fóruns e outros espaços online. A ideia de um tipo de condicionamento comportamental ocorre de forma lenta, como colocado “Todo o sistema foi projetado para modificar gradualmente o que você faz, como você pensa e quem você é” (O DILEMA DAS REDES, 2020), esse é um efeito planejado e vendido pelas empresas de *Big Tech*.

Ademais, quando falamos sobre o uso da internet para pesquisa, as respostas do formulário apontavam para Google, Chat GPT e Gemini e, embora o Google continue sendo o mais utilizado, cada vez mais a Inteligência Artificial é utilizada para responder questionamentos. Percebemos que as respostas personalizadas para o usuário o afastam cada vez mais da construção de um panorama onde haja sólida, consistente e ampla discussão sobre determinado assunto que fuja de opinião previamente construída. Para além desses fatores, o

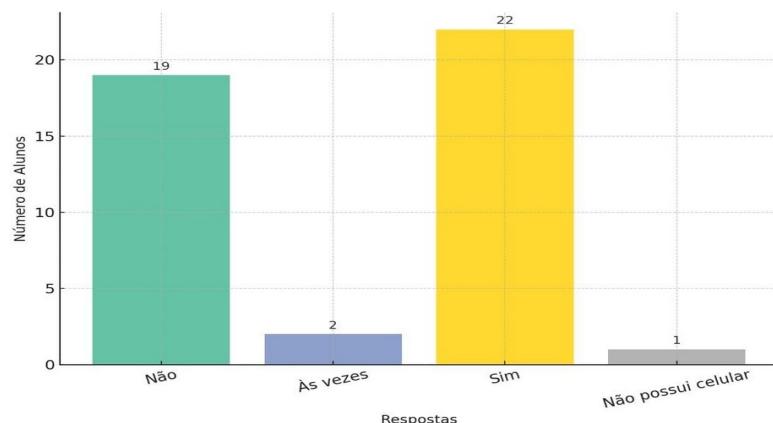
uso indiscriminado da IA Generativa desestimula a busca por fontes diversificadas e ao fornecerem respostas prontas minam a capacidade de interpretação. Os próprios alunos ressaltam a piora na sua capacidade de escrita e leitura, atribuindo a autocorreção e uso de eletrônicos que facilitam o processo de busca por respostas.

Em outro sentido, o mito da Inteligência Artificial como neutra, promove uma idealização da máquina como aquela que traz as “verdadeiras respostas” em detrimento da “ideologia” dos profissionais de uma certa área. Para além disso, promovem um cenário que ignora especificidades locais, culturais e raciais em suas respostas a pesquisas.

A integração desses sistemas de I.A. na vida como um todo, seja para pesquisa, sua inclusão nas redes sociais ou na vigilância e segurança demonstram um novo padrão de plena confiança na máquina e no seu processo de aprendizado, ignorando que muitas vezes essas tecnologias são alimentadas com dados enviesados. Um dos fatores bem pontuados nos críticos a tecnologia está na branquitude como padrão ao *machine learning*, que inviabiliza a identidade negra ou atribui a ela características negativas ( SILVA, 2019, p. 8). Assim, quando tratamos da realidade escolar do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, onde a maior parte dos estudantes é composta por alunos negros, é necessário pensar em como o uso dessa tecnologia pode afetar sua própria autoimagem, ainda mais quando autopercepção de pertencimentos étnico-raciais.

Dentro desse contexto, o papel dos responsáveis no monitoramento do uso de eletrônicos se torna ainda mais relevante. De acordo com os dados levantados pelo questionário a partir da pergunta “Seus responsáveis conversam com você sobre o tempo de tela?” e considerando as respostas sim e talvez, 54,3% dos entrevistados confirmaram que o tempo de conexão à internet era discutido, de acordo com o gráfico:

**Gráfico 2- Seus responsáveis conversam com você sobre tempo de tela?**



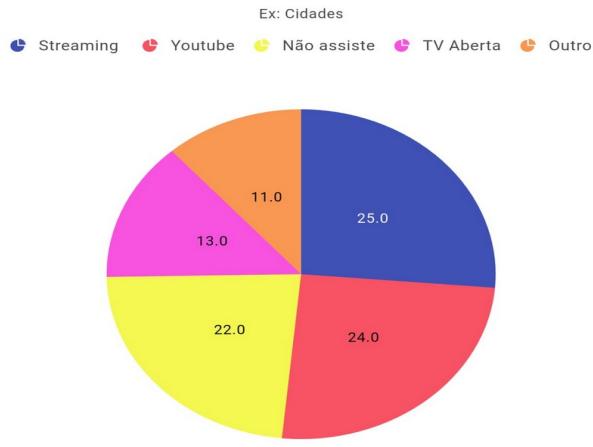
Fonte: Elaboração Própria (2025)



O resultado demonstrou uma preocupação familiar em torno dos efeitos da tecnologia na adolescência, mas que parece frustrado quando comparado com a média de tempo de tela dos mesmos alunos.

De outra forma, o consumo é alterado completamente quando perguntamos sobre o consumo em família de mídias. Ao contrário do uso de mídias sociais como Tik Tok e Instagram que incentivam o grande compartilhamento de vídeos prioritariamente de forma individual, o consumo de conteúdo através do *Streaming* é assumido como nova forma de uso compartilhado de mídia e dominam as televisões. As respostas apontam o uso das famílias de conteúdos via *Netflix*, *Globo Play*, *Youtube* como atividades realizadas com seus responsáveis, em menor número surgem Jornal e Novela, conforme gráfico a seguir:

**Gráfico 3-** Mídia Assistida com os Responsáveis.



Fonte: Elaboração Própria (2025)

A tecnologia digital marca uma grande mudança cultural na grande possibilidade de escolha quando em confronto as mídias mais tradicionais. Notamos a diminuição do consumo de canais abertos de televisão e, por consequência, uma mudança nas práticas midiáticas. No Brasil, as novelas tinham predominância no tipo de mídia assistida e demarcavam um local comum entre diferentes comunidades, superando diferenças como contexto socioeconômico, gênero e faixa etária, e construindo uma ponte comunicativa. Assim, partindo do pressuposto de que “(...) através da linguagem que os indivíduos produzem sentido e articulam suas experiências no mundo” (ROCHA, 2011, p. 3), o papel da novela e da televisão aberta demarcou a comunicação, criando expressões e popularizando bordões que faziam sentido a





grande parte da população. O serviço de *Streaming*, por outro lado, permite acesso a inúmeras produções nacionais e internacionais e dificulta a generalização de uma mídia específica. Simultaneamente, popularizou conteúdos estrangeiros como doramas e séries estadunidenses, possibilitando o conhecimento de outras culturas através de filmes e séries. Assim, mesmo que os conteúdos via *Streaming* sejam vistos em grupo, como no caso do *Globoplay*, a unidade nacional em torno de uma novela que era exibida de forma aberta não ocorre da mesma maneira. Cresce, nesse sentido, uma divisão na qual cada unidade familiar está livre para a escolha de conteúdos que beiram o infinito, assim, a mudança causada pela tecnologia alterou drasticamente as relações humanas à medida que causou a redução massiva de importância de um marco cultural.

Através da análise do questionário, da exibição do documentário e da discussão com as turmas foi possível mapear como se dá o uso de tecnologia e o consumo de mídias dentro de duas turmas do nono ano. Dessa maneira, o uso das mídias digitais por esses adolescentes segue um caminho comum no sentido do uso dos mesmos aplicativos ou serviços de *Streaming*. Destaca-se, no entanto, a necessidade de se ultrapassar o nível de consumo de tecnologias e conteúdos, para a promoção da reflexão sobre os processos de sua produção, construindo um cenário onde fiquem evidentes as maneiras como somos afetados por influências internacionais que trabalham para padrões e alterações de comportamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização digital é aqui compreendida como uma formação para além do uso instrumental da tecnologia, mas que promova uma compreensão da sua lógica de funcionamento. Com os questionários e a exibição do documentário *O Dilema das Redes*, buscamos incentivar a reflexão sobre produções midiáticas como objetos de conhecimento a serem analisados em sala de aula. O trabalho se voltou essencialmente para a sensibilização para o design persuasivo das tecnologias digitais contemporâneas e sobre nossas opiniões podem ser moldadas pelas plataformas, como afirmam Padilha et al (2020). “A modulação é a principal técnica das plataformas, não sendo baseada no discurso, mas no controle do que se vê, se lê e se ouve”. (PADILHA et al., 2020, p. 367).

Argumentamos sobre o valor e o papel da escola na promoção de conhecimento sobre o cenário digital, diante das tecnologias persuasivas e do colonialismo digital. O amplo uso das mídias sociais e os efeitos da lógica algorítmica sobre a sociedade atual e suas possíveis consequências para o futuro da juventude, tanto para a formação de opinião quanto para suas



habilidades cognitivas como compreensão de debates ou uso da escrita, precisam configurar como temas que atravessam a construção do conhecimento na escola.

IX Seminário Nacional do PIBID

## REFERÊNCIAS

- BUCKINGHAM, D. **The media education manifesto**. Cambridge, UK; Medford, MA, USA: Polity Press, 2019.
- CASSINO, J.F., SOUZA, J., SILVEIRA, S.A. (org.) **Colonialismo de dados**: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo, Autonomia literária, 2021.
- FAUSTINO, D., LIPPOLD, W. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo, Boitempo, 2023.
- HJARVARD, S. **Midiatização**: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *Matrizes*, v.5, n.2, 2012.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, 2002, n.19, 20p.
- \_\_\_\_\_. Experiência e alteridade em Educação. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, vol. 19, n.2, p.4-27, 2011.
- MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de História**: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007
- MONTEIRO, A.M. Tempo presente no ensino de história: o anacronismo em questão. In: GONÇALVES, M.A., ROCHA, H., REZNIK, L., MONTEIRO, A.M. (orgs). **Qual o valor da história hoje?** Rio de Janeiro, Editora FGV, 2012.
- OLIVEIRA, T.M. Midiatização da ciência: reconfiguração do paradigma da comunicação científica e do trabalho acadêmico na era digital. **Matrizes**, São Paulo V.12 - N° 3 set./dez. 2018
- PADILHA, Felipe; FACIOLI, Lara. Colonialismo tecnológico ou como podemos resistir ao novo eugenismo digital – entrevista com Sérgio Amadeu Silveira. **Estudos de Sociologia**, v. 25, n. 48, 2020.
- PEIRANO, Martha. **O inimigo conhece o sistema**. Tradução de Ana Helena Oliveira. Santo André, Rua do Sabão, 2022.



ROCHA, Simone Maria. Os estudos culturais e a análise cultural da televisão: considerações teórico-metodológicas. Animus: **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 10, n. 19, 2011.

SCHAAN, Camila Wohlgemuth; CUREAU, Felipe Vogt; BLOCH, Katia Vergetti; et al. Prevalence and correlates of screen time among Brazilian adolescents: findings from a country-wide survey. **Applied Physiology, Nutrition, and Metabolism**, v. 43, n. 7, p. 684–690, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1139/apnm-2017-0630>.

SILVA, Tarcízio Roberto da. Visão computacional e vieses racializados: branquitude como padrão no aprendizado de máquina. **II COPENE Nordeste: Epistemologias Negras e Lutas Antirracistas**, p. 29–31, 2019.

Filme:

O Dilema das redes (The Social Dilemma). Direção: Jeff Orlowski. Produção: Larissa Rhodes. Estados Unidos: Netflix, 2020. 1 filme (94 min), son., color.

